

A ANÁLISE DO DISCURSO: uma abordagem teórico-metodológica em pesquisa de formação docente

Célia Zeri de Oliveira¹
Jailma Bulhões Campos²
Marcia Andréa Almeida de Oliveira³

Resumo: Neste ensaio, tratamos da Análise do Discurso enquanto um procedimento teórico-metodológico, apresentando três de suas abordagens, a saber: dialógica, psicanalítica e crítica. O nosso objetivo principal consiste em demonstrar os princípios teórico-metodológicos das abordagens apresentadas, bem como procedimentos adotados para descrever e analisar o discurso conforme cada abordagem, destacando a reconstrução do contexto de emergência dos dados, o material a ser analisado, a seleção de mecanismos retóricos e linguísticos usados nos textos, entre outros modos utilizados. Adicionalmente, apresentamos um quadro multidimensional de análises discursivas como foco para pesquisas acerca da formação docente, no qual a análise do discurso é destacada como método de análise de dados verbais e não-verbais colhidos a partir de diferentes instrumentos, como questionário, entrevista, diário de campo, dentre outros.

Palavras-chave: Análise do discurso dialógica. Abordagem psicanalítica. Análise crítica do discurso. Formação docente. Procedimentos teórico-metodológicos.

ENGLISH TITLE: discourse analysis: a theoretical-methodological approach in teacher training research

Abstract: This essay discusses the Discourse Analysis as a theoretical-methodological procedure by presenting three of its approaches: dialogic, psychoanalytic and critical perspectives. Our main goal is to evidence the theoretical and methodological principles of the addressed approaches, and the procedures used in describing and analyzing the discourse according to each approach, highlighting the reconstruction of the emergency context of the data, the material to be analyzed, the selection of the rhetorical and linguistic mechanisms used in the texts, among other modes. Additionally, we present a multidimensional framework of discursive analysis as a focus for research on teacher training. This tool highlights the discourse analysis as a method of analyzing verbal and non-verbal data collected with different research instruments, such as questionnaires, interviews, field notes, and so forth.

Keywords: Dialogic discourse analysis. Psychoanalytic approach. Critical discourse analysis. Teacher training. Theoretical-methodological procedures.

¹ Doutora em Linguística Aplicada (2015) e Mestre em Línguas e Culturas pela Universidade de Aveiro (2005). Atualmente é professora adjunta na área de ensino-aprendizagem de línguas na UFPA/ILC/FALE/PPGL. É líder do grupo de pesquisa Letramentos, Identidades, Diversidades. Realiza pesquisas nas temáticas de letramentos e ensino-aprendizagem de línguas. E-mail de contato: celiazeri@ufpa.br

² Doutora em Multimídia em Educação pela Universidade de Aveiro, Portugal. É Professora de Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa (ILC/UFPA), onde desenvolve pesquisa na área de tecnologia e linguagens e gamificação em educação. E-mail de contato: jailma@ufpa.br

³ Pós-doutora visitante em Harvard Graduate School of Education. Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Campinas, com estágio doutoral na Universidade de Genebra. Professora Adjunta na Universidade Federal do Pará. E-mail de contato: marciandrea@ufpa.br

ANÁLISIS DEL DISCURSO: un enfoque teórico-metodológico en la investigación en formación docente

Resumen: En este ensayo, abordamos el Análisis del Discurso como procedimiento teórico-metodológico, presentando tres de sus enfoques, a saber: dialógico, psicoanalítico y crítico. Nuestro principal objetivo es demostrar los principios teórico-metodológicos de los enfoques presentados, así como los procedimientos adoptados para describir y analizar el discurso según cada enfoque, destacando la reconstrucción del contexto de emergencia de los datos, el material a analizar, la selección de mecanismos retóricos y lingüísticos utilizados en los textos, entre otros modos empleados. Además, presentamos un marco multidimensional de análisis discursivos como enfoque para investigaciones acerca de la formación docente, en el que se destaca el análisis del discurso como método de análisis de datos verbales y no verbales recogidos a partir de diferentes instrumentos, como cuestionario, entrevista, diario de campo, entre otros.

Palavras-clave: Análisis dialógico del discurso. Enfoque psicoanalítico. Análisis crítico del discurso. Formación docente. Procedimientos teórico-metodológicos.

Introdução

A Análise do Discurso (AD) é um campo de pesquisa composto por múltiplas abordagens, em grande parte qualitativas, que se ocupa das relações entre o uso da língua e o mundo social. Os pesquisadores que se dedicam a essa área conduzem investigações que buscam articular o linguístico e o social, enfatizando a ideologia e a exterioridade do contexto sócio-histórico, baseando-se em diferentes linhas, por exemplo: Análise do Discurso Foucaultiana, Análise Crítica do Discurso, e, especificamente no Brasil, a Análise Dialógica do Discurso.

Essas abordagens possuem significativas diferenças de cunho teórico e metodológico. Cada abordagem oferece aos pesquisadores um meio particular para investigar e expor dimensões das relações entre língua, poder, ideologia, cultura, sociedade, etc. Entretanto, há um posicionamento comum entre as diversas abordagens, a dizer, a oposição à concepção estruturalista de linguagem. Para as múltiplas formas de se fazer Análise do Discurso, mesmo ao considerar que cada língua contenha as próprias regras internas (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas), o seu funcionamento interno é condicionado pelas condições de produção, condições essas que incluem o contexto social e ideológico.

O conceito-base mantido pelo desenvolvimento das análises dos discursos comunga a ideia de se tratar de um método de pesquisa apropriado para refletir sobre a língua falada ou escrita em relação ao contexto sócio-histórico e cultural de uso. Assim, busca principalmente a

compreensão dos modos nos quais o usuário da língua aciona as estruturas linguísticas, o léxico, os campos semânticos, os parâmetros paradigmáticos dentro das produções com a intenção de produzir as relações dialógicas, ou seja, de utilizar a língua para a finalidade de comunicar. Trata-se, portanto, de um método de pesquisa qualitativo e interpretativo, usado em diversos campos de estudos, tais quais a como linguística, a sociologia, a antropologia, a psicologia etc.

Neste ensaio, intencionamos tratar da análise do discurso como abordagem teórico-metodológica com o intuito de demonstrar de que modo o seu uso contribui para as pesquisas na área de formação docente. Em uma primeira seção, abordamos a Análise do Discurso Dialógica fundamentada no círculo de Bakhtin, apresentando uma postura dialógica diante do campo discursivo e destacando que nas pesquisas de formação do professor há dois sujeitos sócio-historicamente situados, a dizer, o pesquisador e o pesquisado, com o intuito de o pesquisador tentar perspectivar o mundo pelos olhos do pesquisado, sem deixar de considerar seu próprio posicionamento diante do mundo.

Na segunda seção, apresentamos as bases para a compreensão da Análise do Discurso na perspectiva da psicanálise lacaniana, tomando como estatuto central a concepção de sujeito, ou seja, um organismo fragmentado, que é preenchido a partir da definição do outro. Na pesquisa sobre formação de professores, a metodologia das análises por via da abordagem da psicanálise ajuda a compreender os posicionamentos sócio-históricos e ideológicos desses sujeitos. Na terceira seção, abordamos a metodologia de Análise do Discurso em uma concepção crítica que leva às análises das estruturas e do processo social dentro de determinadas sociedades. Os discursos, nessas direções, podem ser estudados também em termos de aspectos cognitivos para a compreensão de determinados falantes de uma dada linguagem, tomando-se por base a noção de contexto.

Análise do discurso: uma abordagem dialógica

Nesta seção, dedicamo-nos a discutir a Abordagem Dialógica do Discurso (ADD), destacando seus princípios teórico-metodológicos, fundamentados no Círculo de Bakhtin. Vale mencionar que os textos do Círculo de Bakhtin não apresentam uma formalização de método científico. Por isso, neste ensaio, não buscamos construir uma teoria, mas sim apresentar uma “[...] postura dialógica diante do corpus discursivo, da metodologia e do pesquisador.” (BRAIT,

2006, p. 29). O que se faz importante é adotar uma perspectiva dialógica na análise do discurso, já que nas pesquisas em formação do professor há dois sujeitos sociais e historicamente situados: o pesquisador e o pesquisado. Nesse sentido, aquele trabalha com a compreensão, a qual não exclui a possibilidade de haver mudança de ponto de vista. Assim,

[...] o papel de pesquisa da ADD inclui a tarefa dialógica do pesquisador e do seu outro, uma vez que a função analítica do pesquisador é a de tentar enxergar com os olhos do outro e a de retornar à sua exterioridade para fazer intervir com o seu olhar (de pesquisador) – a sua posição singular sobre e num dado contexto e os valores que afirma sobre aqueles afirmados pelo outro. (PAULA, 2013, p. 256)

Ainda que não possamos dizer que o Círculo de Bakhtin propôs uma teoria ou análise do discurso, ele contribuiu significativamente para os estudos da linguagem. A autora afirma que é “[...] a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas” (BRAIT, 2006, p. 10). Ainda segundo a pesquisadora, a ADD não pode se situar apenas no linguístico, tampouco, apenas no extralinguístico, pois “excluir um dos polos é destruir o ponto de vista dialógico [...]”. É, portanto, “[...] a bivocalidade de ‘diálogo’, situado no objeto e na maneira de enfrentá-lo, que caracteriza a novidade da Metalinguística” (Idem, p. 13).

A fim de compreender a metodologia de estudo da língua implementada na ADD, precisamos antes entender algumas noções propostas nas obras bakhtinianas, a saber: língua, interação verbal, sujeito, enunciado, dialogismo e texto.

Em Bakhtin, **língua/linguagem** deixa de ser concebida como entidade abstrata e passa a ocupar o lugar em que a ideologia se manifesta, sendo sua materialidade, ao mesmo tempo, linguística e histórica. Bakhtin/Volochínov (2006) enfatiza o papel das interações na constituição da língua e da própria consciência, já que esta última só pode emergir mediante os signos num processo de interação. Nas palavras do autor, “a língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 130, grifos do autor).

A noção de **interação verbal** é o aspecto principal da língua em Bakhtin/Volochínov

(2006). Segundo o autor, a língua só pode ser compreendida a partir de sua natureza social, uma vez que “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações em todos os domínios” (Idem, p. 40). A enunciação sempre acontece numa interação verbal e só se efetiva entre falantes. Como princípio norteador da língua, a interação verbal é essencial na produção da língua na constituição do sujeito, porque

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela comunicação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui a realidade fundamental da língua”. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 125, grifos do autor).

O autor, a partir de sua crítica ao subjetivismo idealista e ao objetivismo abstrato, estabelece a língua como ideológica, pois

[...] não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 p. 96, grifos do autor)

Na acepção do autor, a língua é, portanto, social, mutável, heterogênea, ideológica e construída por meio das relações interpessoais.

Outra noção importante na ADD é a de **sujeito**. Diferentemente do subjetivismo idealista, que se apoia na enunciação monológica, Bakhtin/Volochínov (2006) afirma ser a enunciação o resultado da interação entre pelo menos dois interlocutores reais ou representantes ideais, mas nunca abstratos. Dessa forma, a palavra orienta-se em função do interlocutor, podendo variar se a pessoa participante da interação fizer parte de um determinado grupo social, se mantiver com o seu interlocutor uma relação mais ou menos afetiva etc.

Nos estudos bakhtinianos, os sujeitos são vistos como sociais, que se constituem na medida em que interagem com os outros. De acordo com Geraldí (1997, p. 6),

os sujeitos se constituem como tais à medida que integram com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como “produto” deste

mesmo processo. Neste sentido, sujeito é social já que a linguagem não é o trabalho de um artesão, mas trabalho social e histórico seu e dos outros e é para os outros e com os outros que ela se constitui [...].

Além das noções de interação verbal e sujeito, um conceito que se sobressai nas obras bakhtinianas é o de **enunciado**. Segundo Bakhtin (1997), o enunciado é marcado por posicionamentos ideológicos, não podendo ser repetido e reiterado. Ele é

um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são autossuficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra ‘resposta’ é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se nestes, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. (BAKHTIN, 1997, p. 316)

O enunciado é reconhecido por apresentar um autor, possuir um todo de sentido, ser dirigido a outrem com a finalidade de interação, ser formado a partir da relação com o interlocutor e os outros enunciados. É dialógico, embora as diversas vozes que o compõem nem sempre se revelem de forma clara, e construído sócio-historicamente nos diferentes campos da atividade humana, em situações reais de uso da língua.

Sendo o **dialogismo** o princípio constitutivo da linguagem, compreender como ele é concebido é essencial para a adoção de uma metodologia de análise pautada na ADD. No Círculo de Bakhtin, o dialogismo designa formas da presença do outro dentro do discurso. Ele surge apenas dentro de um processo de interação entre uma consciência individual e uma outra.

Segundo Marques (2001) e Barros (1997), duas noções de dialogismo permeiam a visão bakhtiniana da linguagem: diálogo entre interlocutores e diálogo entre discursos. O diálogo entre interlocutores ocorre em um contexto social. É por meio da relação entre os sujeitos que estes se constituem e que os sentidos dos textos – isto é, o discurso – são construídos. Este, por sua vez, relaciona-se dialogicamente com outros discursos.

É possível entender o dialogismo como um espaço interacional entre o “eu” e o “tu”, e entre o “eu” e os “outros eus”. Ao mesmo tempo em que o “eu” interage com um “outro” em

situação concreta, já é “respondente” do discurso dos “outros”, que anteriormente já “agiram” sobre ele. O “eu” é, portanto, social e individual. Forma-se a partir do diálogo com os “outros eus”, mas, ao mesmo tempo, apresenta expressividade.

Fiorin (2006, p. 166), por sua vez, afirma não existir dialogismo senão entre discursos, uma vez que “o interlocutor só existe enquanto discurso”. Segundo o autor, o discurso não mantém uma relação direta com as coisas, porquanto a relação do indivíduo com a realidade é sempre mediada pela linguagem. Estabelece ainda que dialogismo não é interação face a face, mas a presença de vozes marcadas no interior do discurso. É o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso.

De acordo com Bakhtin (1993), a apropriação do discurso só ocorre quando o sujeito recria, reinterpreta, reconstrói a ideia alheia. O sujeito é assim definido por meio de relações dialógicas que são, na verdade, relações de sentidos entre enunciados.

Ao problematizar o **texto**, Bakhtin (1997) apresenta-o sendo constituído de dois polos: o da língua e o do enunciado. Enquanto enunciado, é um ato humano e não pode ser entendido separado do contexto dialógico em que foi produzido. Mantém relação com a realidade e com a língua, mas os seus valores e sentidos são determinados na interação com os sujeitos falantes e com os outros enunciados.

Na comunicação verbal, para ser considerado como enunciado, ele deve apresentar dois fatores: “seu projeto (a intenção) e a execução desse projeto” (BAKHTIN, 1997 p. 330). A relação dinâmica entre esses fatores imprime-lhe o caráter. Ao mesmo tempo em que reflete algo preexistente, apresenta algo novo, criado a partir de um fenômeno observado na realidade, de um sentimento etc. O texto, assim concebido, “nunca é simples reflexo ou expressão de algo que lhe preexistisse, fora dele, dado e pronto [...] sempre cria algo que antes dele, nunca existira, algo novo e irreproduzível, algo que está relacionado com um valor” (idem, p. 348).

O texto também se apresenta na forma de um gênero particular, com entonação e expressividade próprias. E só é provido de sentido quando está contextualizado. Segundo Bakhtin (1997), o estudo do texto não pode se dar no âmbito da abstração, mas no estudo das formas da relação dialógica, dos aspectos extralinguísticos e do sentido. O linguístico não é o único objeto de estudo a ser considerado, uma vez que é apenas o aspecto material do texto, não podendo “encetar uma relação dialógica” (idem, p. 347).

Para este teórico, como a língua constitui os sujeitos e é constituída por eles, faz-se necessário atentar para as relações dialógicas que se estabelecem entre textos, pois interpretar um texto é atentar não só para o conteúdo, mas também refletir sobre os seus aspectos discursivos constituintes. No processo de interpretação, o sujeito está construindo um novo texto, sendo o sentido deste afetado pela historicidade, podendo assumir diferentes sentidos dependendo dos sujeitos inseridos no processo interativo e do contexto sócio-histórico no qual foi produzido.

Essas noções (de língua, interação verbal, sujeito, enunciado, dialogismo e texto) permitem-nos vislumbrar dois níveis de trabalho metodológico, analítico e interpretativo de que se ocupa a ADD: análise do contexto sócio-histórico e análise linguística.

Nos estudos da língua, a articulação entre o discurso de outrem e o contexto constitui o eixo principal de análise para compreender as posições dos sujeitos, já que o aquele aparece neste (CUNHA, 2002). Todo discurso é assim por excelência heterogêneo, orientando-se pelo princípio constitutivo da linguagem, isto é, o dialogismo.

todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico. (BAKHTIN, 1993, p. 86).

Considerando a orientação dialógica de todo o discurso, apresentamos a seguir uma ordem metodológica proposta por Bakhtin/Volochínov (2006). Segundo o autor, ao analisar objetos linguísticos e discursivos, devemos examinar:

1. “as formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza”;
 2. “as formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos [...]”; e
 3. “formas da língua na sua interpretação linguística habitual.”
- (BAKHTIN/VOLONÍCHOV, 2006, p. 135).

Essa ordem de estudo é a mesma que segue a evolução real da língua, pois, em primeiro lugar, evoluem as relações sociais, em segundo lugar, a comunicação e a interação verbal, levando a evolução das formas dos atos de fala, e, por último, as formas da língua.

A ADD considera, assim, as particularidades discursivas em seus contextos mais amplos. Nessa abordagem, a análise linguística busca [...] esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macroorganizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. (BRAIT, 2006, p. 13). A análise relativa ao campo da linguística envolve ainda o reconhecimento do gênero do discurso a que pertencem os textos, já que estes são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1997, p. 279). De acordo com o autor,

[...]Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. (BAKHTIN, 1997, p. 282)

Ao seguir a ADD, o pesquisador precisa deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, com base no ponto de vista dialógico. No processo de análise, ele deve recuperar as condições de enunciação e de circulação que lhes imprimem possibilidades de sentido.

Análise do discurso: uma abordagem psicanalítica (lacaniana)

Nesta seção, sem tentar eliminar as fronteiras epistemológicas da AD e da Psicanálise, discorreremos sobre as relações mantidas entre essas duas áreas de estudo. Partiremos, então, da compreensão da psicanálise lacaniana (LACAN, 2002) e dos trabalhos que articulam AD com Psicanálise, como Authier-Revuz (2004), Leite (1994), Teixeira (2005), Melo (2005), Oliveira (2010), entre outros.

Na teoria lacaniana, a concepção de sujeito ganhou estatuto central de conceito (BARROSO, 2012). Assim, ao longo dos estudos de Jacques Lacan, podemos verificar as definições dadas ao sujeito. Na etapa inicial, o estudioso definiu o sujeito como um *alienado* ao outro. Trata-se de “um significante que representa um sujeito para outro significante” (LACAN, 2002, p. 162), entendendo o sujeito como um lugar vazio que é preenchido a partir

da definição do outro. Ou seja, do ponto de vista lacaniano, todas as nossas concepções, amores, desejos e interesses emergem do lugar do outro. Por isso, então, o sujeito é um organismo fragmentado. Como postulado por Bruder e Brauer (2007, p. 516), o ser humano “sofre determinações desse sistema simbólico que é a linguagem, e ingressará nessa ordem simbólica a partir da relação com o Outro – num primeiro momento, presentificado pela mãe”. Dessa forma, a subjetividade do indivíduo é preenchida pelas significações vindas do campo do outro, apresentando-lhe como efeito da cadeia de significantes que o determinam.

Além da alienação, importa dizer que o sujeito e o eu não coincidem. “O sujeito do inconsciente é o sujeito por excelência, e se distingue do eu, função imaginária, que pode ser consciente” (BRUDER; BRAUER, 2007, p. 517). Dessa forma, o sujeito clivado é afetado pelo inconsciente, não sendo fonte do seu próprio dizer. A esse respeito, Authier-Revuz (1982, p. 62) postula que “o sujeito não é uma entidade homogênea, exterior à linguagem, que lhe serviria para “traduzir” em palavras um sentido do qual ele seria fonte consciente”. Ou seja, o sujeito é visto como nada mais que um *efeito* (LEITE, 1994), um “produto e efeito da linguagem” (BARATO, 2012, p. 240).

Essa concepção psicanalítica da subjetividade nos proporciona a compreensão de como Lacan contribuiu para a noção de sujeito nos estudos da AD ao esclarecer a separação de sujeito e indivíduo, apontando que o sujeito é dividido entre consciente e inconsciente (BRUDER; BRAUER, 2007). Nesse sentido, dá destaque a “um sujeito do enunciado, identificado como sujeito do significado, aquele que está consciente do que diz; e o sujeito da enunciação, identificado como sujeito do significante, aquele que está para além do que se diz” (LACAN, 1964/2008 *apud* COUTO, 2017, p. 06).

Conforme Baratto (2012, p. 241), Lacan apresenta um sujeito “[...] dividido pela sua relação com a linguagem [...] descentrado pela sua relação de dependência de um campo discursivo simbólico que lhe é exterior e a partir do qual ele se constitui e estrutura [...]”. Podemos, assim, apreender que, nos estudos lacanianos, “a linguagem é a condição do inconsciente” (LACAN, 2002, p. 39), perspectiva tomada a partir da teoria do inconsciente de Freud, e estudada mais amplamente com a inclusão de apontamentos teóricos da linguística estrutural, que teve como principal nome Saussure, com a prevalência do significante sobre o significado (FERREIRA, 2020).

A concepção de sujeito psicanalítico é percebida a partir da Escola Francesa de AD, cujo expoente foi Michel Pêcheux. O trabalho desse estudioso convocou a psicanálise como um dos campos de estudo pilares da AD, principalmente, com a contribuição da concepção de sujeito, que desfruta de realçamento tanto nos domínios da psicanálise, quanto na área do discurso. Conforme aponta Ferreira (2005, p. 70), “para explicar o modo como o sujeito se constrói, é preciso trazê-lo para o campo do qual ele é efeito, o campo da linguagem.”. Pêcheux, então, ao longo do desenvolvimento das fases da AD, trouxe para o campo discursivo, as noções do sujeito assujeitado e submetido ao inconsciente e às condições socioculturais que o circundam e delineiam e, a *natureza intervalar*, que representa o lugar do sujeito “que liga os significantes uns aos outros” (FERREIRA, 2005, p. 72, grifos do autor), se constituindo na relação com o outro, por intermédio da linguagem.

A relação entre inconsciente e discurso atravessam o sujeito e nos conduzem ao entendimento do sujeito discursivo, determinado por aspectos sócio-históricos e ideológicos (MELO, 2005). Esse sujeito, marcado pelo esquecimento, tem ilusão de que é o dono do seu dizer, porém, como postula Orlandi (2005, p. 32) “o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ao controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele”. Assim, os discursos não se originam no sujeito, haja vista que este é quem entra no processo em que já figuram os discursos, conforme argumenta Orlandi. Tendo em vista a subjetividade em Lacan, o sujeito da AD é, dessa forma, um indivíduo interpelado em sujeito de seu discurso (LEITE, 1994).

Recebe também realce na área do discurso a releitura do conceito de ideologia, que em Pêcheux observa-se como a articulação entre o “conceito de ideologia e o conceito lacaniano de inconsciente” (OLIVEIRA, 2010), envolvendo duas áreas de conhecimento, a história e a psicanálise, em uma relação complexa que requer muito esforço de análise. A inscrição do sujeito se define pelas especificidades desses dois campos epistemológicos, “coletivamente integrado no social, individualmente constituído por algo além de sua consciência” (GUIMARÃES, 2016, p. 805).

Nessa ótica da AD, há uma definição discursiva de ideologia, o que significa dizer que a ideologia “é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI, 2005, p. 46), haja vista que o indivíduo, diante de qualquer objeto cultural simbólico, cria sentidos e

interpretações. A ideologia, assim, não é entendida como um conjunto de crenças e valores, mas, nos moldes de Althusser, como “uma representação da relação imaginária entre o sujeito com suas condições reais de existência” e com uma “existência material”. (ALTHUSSER, 1996 *apud* HENGE, 2016, p. 96). Ou seja, orientado pelo termo lacaniano de *representação imaginária* (LEITE, 1994), Althusser concebe que a ideologia não reflete o mundo real e se manifesta nas práticas das diversas esferas e instituições.

A partir do entendimento dos conceitos de **sujeito e ideologia**, importa também destacar a noção de **formação discursiva (FD)**, cunhada por Foucault e entendida como “a relação de enunciados com regularidades, em relação à linguagem, mobilizados em assuntos e posições ideológicas na produção do dizer” (BRASIL, 2011, p. 173) no interior da AD. Nessa área de conhecimento, sabemos, então, que “o sujeito é o resultado da relação existente entre história e ideologia” (BRASIL, 2011, p. 174). Assim, a FD demonstra que o sujeito fala de diferentes lugares sociais definidos historicamente e atravessados por formações ideológicas.

O sujeito também se constitui em relação ao *outro*, haja vista que não é a fonte do seu dizer, nem dos sentidos. O trabalho de Jacqueline Authier-Revuz (2004) ancora-se na heterogeneidade do sujeito e da palavra em Bakhtin e na Psicanálise Lacaniana, também interessada em se ocupar de um sujeito produzido pela linguagem e clivado pelo inconsciente. A estudiosa nos revela a importância do *outro* (interlocutor) no discurso, ressaltando o dialogismo, tanto da perspectiva do diálogo com o discurso do outro, como na interdiscursividade. Nesse sentido, os estudos de Authier-Revuz contribuem para a relevância da compreensão sobre a presença marcada ou não do *Outro* na heterogeneidade de vozes presentes nos discursos. Percebemos, assim, a relação entre a heterogeneidade da língua e o descentramento do sujeito, conforme proposto na Psicanálise Lacaniana (TEIXEIRA, 2005).

Em suma, a literatura mostra a formação da AD como área do conhecimento que buscou na formação de suas bases uma relação interdisciplinar com a Psicanálise Lacaniana, tomando desta, principalmente o conceito de um sujeito específico para a AD, um “sujeito do inconsciente, da linguagem, interpelado pela ideologia. Um sujeito descentrado, constituído e atravessado pela linguagem” (BRASIL, 2011, p. 172). A partir dessa compreensão teórica, percebemos que o discurso é efeito das condições sócio-históricas em que o sujeito está inserido, mas também atravessado pelo discurso do outro, do inconsciente.

Com base, principalmente, nos pressupostos de sujeito e ideologia, podemos analisar discursos por meio da aproximação, por exemplo, da AD de Pêcheux e da Psicanálise de Lacan; autores esses que se ocupam do fenômeno da linguagem e da construção de sentidos. Essa aproximação pode nos levar a compreender a representação que o docente ou futuro professor tem de si próprio. Sob a perspectiva teórica e metodológica da AD pêcheutiana e da Psicanálise lacaniana, é possível ainda realizar uma articulação entre profissão docente, sujeito-professor e ideologia, tomando como base os enunciados ditos em uma aula, em uma entrevista com professor ou com alguém de políticas públicas etc. Por meio da análise desses textos, podemos fazer aflorar os discursos neles presentes, demonstrando, por exemplo, as posições de sujeito interpelado por uma ideologia, já que o discurso é o lugar em que podemos observar a relação entre língua e ideologia.

Uma análise do discurso, baseada nesses pressupostos, encaminha-nos a análise não de uma sequência linguística fechada, mas das formas da língua em relação às formações discursivas e às condições de produção, por meio da utilização de conceitos necessários à compreensão do objeto de análise, como o de sujeito, o qual, do ponto de vista adotado, “não é dono de si, não é racional, nem livre.” (BARTIJOTTO; VERDIANI TFOUNI; SCORSOLINI-COMIN, 2016, p. 918).

3 Análise do discurso: uma abordagem crítica

Nesta seção, abordamos a AD numa perspectiva crítica, o que nos leva a pensar diretamente acerca da estrutura e do processo social dentro do contexto de uma determinada sociedade. Para início de conversa, devemos postular que, ao tratarmos de discurso, é preciso descrever os vários níveis de estruturas em que podemos enquadrá-lo, tais quais a sintática, a semântica, a estilística ou a retórica, ou ainda alguns tipos de textos em específico, como exemplo os argumentativos e os narrativos. De acordo com Van Dijk (1997), o discurso pode ser estudado em termos de processo cognitivo para a compreensão de determinados falantes de uma dada língua.

Nessa perspectiva social, podemos compreender o discurso sob vários vieses e aspectos, dentre esses, como uma forma de ação, ou seja, como uma prática social e um fenômeno cultural, pois os usuários de uma língua em particular realizam atos e participações sociais por

meio de atos discursivos entre outras formas de diálogos. As interações sociais estão embutidas em várias formas de contextos sociais e culturais, tanto nas manifestações informais com amigos e pessoas mais familiares, como em encontros profissionais e institucionais. Assim, o discurso como ação social dá margens para as análises em termos de ordem e de organização.

Isso não significa dizer que esta abordagem de análise discursiva consiste na realização analítica de uma série de palavras, orações, sentenças ou proposições. O foco específico está na sequência de atos mutuamente relacionados. As narrativas e os argumentos não possuem apenas estruturas abstratas que envolvem o processo mental e suas representações, como exemplo, o conhecimento, mas atinge o âmbito do ato comunicativo como a prosa e a argumentação pelo uso real da língua em contextos comunicativos situados. O estilo e a coerência, entre outras propriedades do discurso, não são descritos como estruturas abstratas da forma que pode ser realizada dentro da linguística; ao contrário, são tomadas como estratégias utilizadas pela língua em ação (VAN DIJK, 1997).

Não queremos, neste ensaio, fazer a distinção entre os estudos discursivos e a análise discursiva, todavia, é o intuito demonstrar alguns dos objetivos do discurso. Van Dijk (1997) afirma que os discursos não podem ser estudados somente sob as formas, os significados ou os processos mentais, porém deve-se fazê-los como estruturas complexas de hierarquia e de práticas sociais, além de suas funções no contexto, na sociedade e na cultura. Demonstramos em poucas palavras, o discurso como forma de ação, contexto social, como forma de poder e ideologia.

Ao tratarmos do discurso como ação, tomamos cautela em consideração às questões problemáticas ocorridas no dia a dia, entre as quais o uso do senso comum. O primeiro conceito a ser compreendido é o de **intencionalidade**. Intuitivamente, podemos afirmar que ações são uma série de coisas realizadas pelos indivíduos. Entretanto, há muitas ações por nós realizadas em que hesitamos em denominá-las por atos, tais como cair de uma escada, sonhar, ou mesmo, ver algo. De forma inversa a isto, há outras situações nas quais nós podemos agir social, legal ou moralmente sem realizar nenhuma ação, como exemplo, ao mantermos o silêncio ou ao abstermo-nos de pronunciar nossos julgamentos. Em uma primeira análise, tendemos a dizer que as realizações ocorridas por nós, denominadas de atividades, podem ser classificadas como intencionais. Assim, a maioria das ações são realizadas intencionalmente com o propósito de

fazer algo a mais, ou seja, como uma meta ou um propósito.

Nesse sentido, o discurso é uma forma de ação por fazer parte de uma das atividades humanas mais intencionais, pensadas e controladas. Geralmente, não falamos, escrevemos, lemos ou ouvimos algo acidentalmente ou por puro exercício das cordas vocais e de nossas mãos. Assim, muitos atos de fala e escrita, ao fazer uma afirmação ou uma promessa, ou então, ao evitar uma resposta ou a contar uma história, defender um ponto de vista, ao comportar-se educadamente ou persuadir uma audiência, entre outras coisas, são atos que realizamos por meio das palavras. De fato, estaremos realizando com mais ou com menos intencionalidade, atos comunicativos.

Em se tratando de perspectivas, podemos dizer que, ao adentrarmos pelos caminhos das análises em termos discursivos, encontraremos dificuldades relacionadas ao uso da linguagem realizada na formalização dos textos. O ponto de controvérsia está relacionado à intencionalidade ao realizar um ato discursivo. De acordo com Van Dijk (1997) a análise de uma ação depende muito da perspectiva que adotamos ao analisá-la, a dizer: se o interlocutor está ou não aberto à recepção deste ato, pois a intenção e o propósito estão diretamente vinculados com ações reais. O mesmo pode ser dito acerca de como o discurso pode ser interpretado, a depender das inferências a serem feitas pela audiência deste.

No âmbito do discurso, a noção de **contexto** está um pouco além do que é conhecido pelo senso comum dentro do uso da vida cotidiana. Significa, portanto, que devemos entender o evento, a ação e o discurso. O contexto funciona como pano de fundo, entorno, condição e consequência. Dentro dos estudos do discurso como ação ou interação o contexto é crucial. De fato, a principal distinção entre a análise do discurso abstrata e a social é que nesta última o contexto é levado em consideração. A princípio, o contexto deve envolver parâmetros tais quais: os participantes com seus papéis e propósitos tanto quanto as propriedades de configuração do tempo e do local. Assim, o discurso é produzido, compreendido e analisado de acordo com as características contextuais.

Contudo, nem todas as propriedades de uma situação social são partes do contexto do discurso. Os próprios seres humanos são vistos como elementos cruciais dentro do contexto, assim, algumas de suas ações e de seus papéis sociais são relevantes para a caracterização do discurso. Além disso, há outras propriedades importantes para as interações discursivas, tais

como o enquadramento dentro de perfis: homem ou mulher, jovem ou idoso, posse de poder, autoridade ou prestígio. Essas propriedades são também consideradas contextuais porque influenciam diretamente na produção e na interpretação dos textos construídos. Por exemplo, na escolha dos pronomes dentro do texto, na seleção dos verbos ou ainda na preferência por registros mais ou menos polidos. Em outras palavras, podemos definir contexto como uma estrutura em que as propriedades de uma dada situação social são sistematicamente relevantes dentro do discurso.

Outro conceito fundamental para o estabelecimento de um elo entre o discurso e a sociedade em questão é o de **ideologia**. Mesmo que seja raramente estudada como uma microsociologia para as interações diárias de conversação, há estabelecido um conceito mais crítico pela abordagem discursiva. Apesar de haver uma vasta literatura sobre ideologia na área das humanidades e das ciências sociais, não significa, contudo, que a natureza da ideologia e suas relações com o discurso estejam bem compreendidas.

Para entendermos os conceitos de ideologia, precisamos iniciar pela compreensão de suas funções sociais. De fato, por que as pessoas precisam de ideologia? O que as pessoas fazem com as ideologias? A resposta clássica é a de que as ideologias são desenvolvidas por grupos dominantes para reproduzir e legitimar a sua dominação. Uma das estratégias para a legitimação dessas denominações é a naturalização ocorrida pelos envolvidos, como se houvesse um certo benefício para os grupos dominados. Como exemplos disso, podemos citar as propagandas de manipulação, com a representação da nossa própria posição no inconsciente de acordo com nossos interesses pessoais ou estado de espírito, que tradicionalmente são tidos como “consciência falsa”. O discurso, nesta abordagem, serve como um meio cujas ideologias persuasivas de comunicação dentro de determinada sociedade destinam-se a ajudar na reprodução do poder e da dominação de grupos e classes específicas.

Embora não estejam fundamentalmente errados, esses conceitos apresentados são muito superficiais. É necessário que se pergunte, em primeira instância, como a ideologia funciona em nossa sociedade. Após isso, qual é o limite entre a ideologia e as relações sociais de dominação sugeridas pelos grupos ideológicos como meros espectadores sem a capacidade de resistência. Em se tratando das contribuições feitas pelos conceitos de ação e poder, teoricamente é mais interessante pensar em uma noção de ideologia que possa ser aplicada em

qualquer tipo de análise social. Da mesma forma, as questões de abuso de poder, ou de ideologias dominantes, podem ser tomadas como casos específicos de ideologias ao levar em conta as críticas sociais das desigualdades constatadas.

Contrariamente ao conceito acima descrito, há uma abordagem mais analítica para a ideologia em relação às funções sociais. No caso dos relatos de sistemas sociais, as pessoas desenvolvem ideologias para que possam resolver problemas específicos: as ideologias servem também para gerenciar um problema ou para coordenar os atos praticados por um indivíduo como membro de um grupo social. Dessa forma, a ideologia serve para dar a certeza de que membros de um determinado grupo irão agir similarmente aos outros em situações recorrentes, ou seja, são capazes de cooperar em tarefas, e contribuir para a coesão e a solidariedade e sucesso na reprodução de atos do grupo.

Mesmo assim, uma análise geral da função social da ideologia tem implicações importantes. Primeiro, porque as ideologias são inerentemente sociais e não meramente pessoais ou individuais. Elas precisam ser partilhadas pelos membros de grupos e organizações. Nesse sentido, relembra as línguas naturais, pois também são inerentemente sociais e, ainda, partilhadas e usadas por membros sociais para resolver problemas de coordenação, de comunicação ou de interação. Entretanto, há uma diferença fundamental entre língua/linguagem e ideologia. Enquanto os grupos desenvolvem e usam a língua para os propósitos internos, ou seja, a comunicação entre seus membros, a ideologia serve para coordenar as práticas sociais entre os grupos, além de coordenar a interação com membros de outros grupos.

Em questões de metodologia de análise, é preciso dizer que o campo de estudos discursivos, nos tempos que correm, dão-nos conta da heterogeneidade dos objetos do discurso em que debates apontam para a necessidade de definições que direcionam para as configurações que delimitam uma nova configuração técnico-cultural. Por exemplo, em estudos discursivos que tratam da formação do *ethos* docente é preciso delimitar os trilhos que se deve percorrer ao sintetizar o perfil profissional deste grupo, uma vez que a formação profissional docente é delineada por conceitos ideológicos que permeiam os discursos, e, assim, este processo ocorre por dialogismos e representações que fazem parte do contexto sociocultural no qual estão inseridos.

Além de fatores intrínsecos que afetam a metodologia de análise discursiva, tais quais

os linguísticos e os extralinguísticos, os tempos atuais são marcados pelo constante surgimento de dispositivos eletrônicos de comunicação. Segundo Magri (2016), ao citar os dados do CTAE (Coordenadoria de Tecnologia Aplicada à Educação) da Fundação Getúlio Vargas, afirma que o rádio levou 38 anos para atingir a marca de 50 milhões de usuários no mundo; o telefone, 14 e o aparelho televisivo, 13. Entretanto, a rede mundial de computadores atingiu esta marca em apenas 4 anos e o Facebook conseguiu mais de 100 milhões de usuários em nove meses. A popularização dos dispositivos técnicos com acesso à rede mundial de computadores levou à transformação do modo de vida dos indivíduos, fazendo pensar em novas análises do funcionamento dessas relações e interações em tempo real.

De acordo com Magri, (2016, p.156)

No presente contexto, há que se repensar o estatuto das práticas discursivas de modo a refletir sobre a pertinência das categorias técnico-analíticas postas pela AD nos últimos anos. Essas discursividades emanam como novos objetos, que impõem a necessidade de reconfiguração da teoria e método da ciência do discurso. Estes novos objetos, que primam pela configuração multimodal, requerem que se operem alguns deslocamentos conceituais na AD, bem como a profunda reflexão sobre os efeitos destes nas metodologias e prática de análise.

Dentro da perspectiva crítica da análise do discurso, Fairclough e Wodak (1997) afirmam que o objeto de estudo desta linha são as instâncias reais das interações de uma sociedade, tanto das formas linguísticas quanto extralinguísticas. A análise crítica do discurso tem uma perspectiva distinta no âmbito da relação entre a língua e a sociedade, e, ainda, as análises e as práticas analisadas. A princípio, nesta abordagem – o uso da língua- escrita ou falada - é uma forma de prática social. Descrever o discurso como prática social implica numa relação dialética entre um evento discursivo em particular e uma situação, instituição ou estrutura social.

Uma relação dialética é partilhada, especificamente, em situações com duas vias: o evento discursivo molda a situação, e, simultaneamente, as instituições e estruturas sociais também a moldam. Em outras palavras, o discurso é construído socialmente tanto quanto a própria sociedade é moldada, e isto, por sua vez, constitui situações, objetos e conhecimento, além das identidades entre indivíduos e grupos sociais. Esta mesma constituição também ajuda

a manter e reproduzir o *status quo* e, ainda, a criar o senso de que se pode fazer transformações sociais. Desse modo, os discursos influenciam nas sociedades fazendo surgir a noção de poder dentro delas.

Além disso, as práticas discursivas têm um efeito ideológico maior, ou seja, podem ajudar a produzir e a reproduzir as relações de poderes desiguais entre as classes sociais, por instância, entre homens e mulheres, grupos étnicos-culturais de maiorias e minorias, através do modo no qual estes são representados e posicionados em seus papéis sociais. Como exemplo, um discurso poderá ser racista, sexista ou, ainda, tentar passar a suposição de que alguns aspectos da vida social entrem no rol do senso comum. Tanto o conceito ideológico como os modos particulares de usar a língua e as relações de poder subjacentes não estão muito claras para a maioria das pessoas. Assim, a análise crítica do discurso tem o papel de tornar mais visíveis estes aspectos opacos dentro das interações sociais.

Nessa mesma perspectiva crítica, Kress (1996) traz a abordagem intervencionista do discurso voltada para as questões de representação e de ideologia. Esta forma de pensar a análise crítica do discurso traz a associação entre linguagem e ações sociais com a pressuposição de que se possam desvendar as relações que construímos no mundo no qual habitamos, do conceito sobre quem somos e como fazemos parte do próprio grupo social, criando a consciência de que os sistemas de poder autorizam determinadas representações e, também, suprimem outras. Nesse sentido, tem como aspecto central dos estudos críticos que a consideração que se toma por senso comum em determinadas culturas e momento histórico irá refletir os valores de grupos dominantes dentro desta mesma cultura. O sentido de intervencionismo serve para questionarmos os valores sociais propostos hegemonicamente pelos grupos dominantes.

Não podemos falar em ações sociais sem mencionar o papel dos atores sociais nesse contexto. Van Leeuwen (2008) traz para análise crítica do discurso a classificação dos tipos de atores sociais e as formas de representação destes. Nesses termos, o discurso é visto como uma prática social recontextualizada, ou seja, uma representação da prática e dos atores sociais em que suas análises podem ajudar a sistematizar a compreensão do processo discursivo. Para o autor, o discurso é um fenômeno semiótico, tratando-se, assim, de uma semiótica social cujos recursos, tais quais gestos, imagens e sons são usados para criar a interação semiótica. As representações sociais são as formas em que expressamos o pensamento em nossas interações,

tendo papel crucial na manutenção das ideologias, pois estas são criadas nos contextos sociais.

Desse modo, para compor o quadro teórico para os estudos críticos do discurso, na perspectiva de métodos de observação, descrição ou análise, aparados pelo conceito de que não há uma única análise do discurso como método, assim como também não há análises sociais ou cognitivas do discurso, postulamos que, a partir dos objetos da investigação, da natureza dos dados a serem pesquisados e da própria experiência do pesquisador, podemos encontrar parâmetros para os estudos do discurso. Van Dijk (2008, p. 11) propõe:

- Análise gramatical (fonológica, sintática, lexical, semântica);
- Análise pragmática dos atos de fala e dos atos comunicativos;
- Análise retórica;
- Análise estilística;
- A análise de estruturas específicas (gênero, etc.): narrativa, argumentação, notícias jornalísticas, livros didáticos, etc.;
- Análise conversacional da fala em interação;
- Análise semiótica de sons, imagens e outras propriedades multimodais do discurso e da interação.

De acordo com Van Dijk (2008), dentro de cada análise há muitas formas de fazer-se análise discursiva, o que leva os pesquisadores a denominá-las por métodos ou abordagens de análise, tais quais, a análise formal, a análise funcional, dentre outras, que por sua vez podem ser muito diversificadas dentro das teorias ou vertentes, carecendo, assim, da descrição qualitativa da estrutura discursiva.

A Análise do Discurso na formação docente

Os recursos metodológicos utilizados em uma investigação são determinados de acordo com a natureza da área da ciência. Mas, de um modo geral, para realizar uma pesquisa científica, precisamos considerar suas principais etapas de realização: a questão inicial, a exploração do tema, a problemática, a construção do modelo de análise, a coleta de dados, a análise das informações e as conclusões (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Considerando que a metodologia consiste na implementação de procedimentos e técnicas para a construção do conhecimento, com o propósito de responder a uma questão-problema, para encaminhar uma pesquisa sobre a formação docente, devemos traçar um caminho para atingir um objetivo científico previamente estabelecido, como: *Demonstrar a representação dos alunos em formação do curso de Letras da Universidade Federal do Pará.*

Caminho esse que se relaciona com o cumprimento das etapas de uma pesquisa científica.

A fim de realizar uma pesquisa na área de formação de professores em que uma das abordagens da AD seja utilizada como forma de abordar os problemas de sentidos, podemos, por exemplo, proceder da seguinte forma:

1. Definir um tema: A formação inicial dos alunos de Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa) da Universidade Federal do Pará.
2. Elaborar uma pergunta de pesquisa: De que forma os alunos de Letras concebem sua formação em relação ao mercado de trabalho?
3. Levantar a literatura sobre o tema: ler livros, artigos, dissertações e teses sobre formação de professor, ensino superior etc., com vistas a verificar o que já foi publicado sobre tema.
4. Definir o *corpus* da pesquisa: realizar entrevista com os discentes, aplicar questionário aos alunos, solicitar escrita de memorial de formação etc.
5. Construir um modelo de análise: selecionar pressupostos teórico-metodológicos de uma das abordagens da AD, como a dialógica, a lacaniana e a crítica.
6. Discutir: analisar os dados à luz do quadro epistemológico da AD (materialismo histórico, linguística e teoria do discurso), isto é, analisar os discursos expressos em textos (unidades de análise), considerando-se as condições de produção e o contexto mais amplo da formação social. No processo de construção de sentidos, são consideradas as relações entre enunciadores e as relações entre texto e condições de produção, bem como a materialidade linguística.

[...] ao se passar para o texto como unidade de discurso, a relação das partes com o todo é estabelecida através de recortes, as *unidades discursivas*: ‘como os recortes são feitos pela (e na) situação de interlocução, compreendem também um contexto mais amplo, que é o da ideologia’. (PÁDUA, 2002, p. 28, grifos da autora).

De acordo com o procedimento especificado acima, os conhecimentos de uma das abordagens da AD entram em cena especificamente no momento da construção de modelo de análise e das discussões, em que são apresentados os efeitos de sentidos apreendidos do corpus analisado, com base em categorias da AD, como sujeito e formação discursiva. Além disso, o

recorte temático faz-se essencial para uma pesquisa qualitativa na área de AD, como exemplificado no quadro 1.

Quadro 1 – Quadro temático multidimensional de Análise Discursiva na Formação Docente.

Abordagens da AD	Recorte temático da área Formação Docente	Unidade de análise
Dialógica	Estudo das múltiplas vozes presentes no dizer dos professores sobre objetos de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Estudo das representações dos professores sobre suas práticas avaliativas.	Discursos materializados em textos de diferentes gêneros discursivos orais ou escritos.
Lacanianana	Estudo da percepção da própria identidade docente nas trilhas de sua formação profissional. Estudo da imagem que o docente faz do discente como sujeito de aprendizagem. Estudo das memórias docentes.	
Crítica	Estudo da construção do <i>ethos</i> docente por meio da abordagem crítica do discurso. Estudo dos conteúdos didático-pedagógicos para a compreensão das ideologias presentes nesses materiais.	

Fonte: as autoras

Considerando as abordagens da AD apresentadas e as etapas de uma pesquisa científica, observamos que, para encaminhar uma investigação nessa área, é necessário fazer um recorte temático que favoreça uma análise qualitativa/interpretativista, em que princípios teórico-metodológicos da AD sejam empregados.

Considerações finais

Este ensaio surgiu da oportunidade de reunir uma proposta que privilegiasse a discussão sobre a análise do discurso enquanto abordagem teórico-metodológica e área de conhecimento das linguagens, particularmente, reunindo três linhas da AD, quais sejam: Análise Dialógica do Discurso, Análise do Discurso na abordagem Psicanalítica Lacanianana e Análise Crítica do

Discurso. Para tanto, apresentamos fundamentos teórico-metodológicos das três diferentes abordagens, com o objetivo principal de discutir acerca das perspectivas de trabalho de análise do discurso para pesquisas na área de formação docente a partir da AD.

Dessa forma, compreendendo a análise do discurso como uma metodologia de análise que tem como objeto de estudo o próprio discurso, oral e escrito, portanto, uma prática de análise de construções linguísticas, concordamos que esse processo de análise é muito mais amplo que uma análise textual (de comunicação), como ocorre no procedimento análise de conteúdo. Trata-se de um estudo contextual, abrangendo o texto e o discurso – político, econômico e cultural - a que este se atrela. Nesse sentido, as práticas discursivas geradas nas diferentes instâncias comunicativas são percebidas como objetos de análise para se compreender os diversos discursos que circulam nas práticas sociais.

De forma específica, no que diz respeito às pesquisas da formação docente, os estudos discursivos podem ampliar a discussão sobre saberes, representações, identidade e ideologias, por exemplo, bem como articular a análise de dados oriunda de diferentes instrumentos de coleta qualitativa a pontos de vista discursivos sobre a docência em determinado contexto sócio-histórico. Assim, neste ensaio, entendemos que há relevância em nossas reflexões sobre as contribuições metodológicas da análise do discurso de acordo com as três abordagens destacadas.

Na perspectiva da análise dialógica do discurso, baseada na concepção bakhtiniana de linguagem, a investigação deve considerar os discursos da formação docente criados e significados no ambiente sócio-histórico como produtos de relações dialógicas de diferentes sujeitos. Em se tratando da análise discurso como abordagem psicanalítica, observamos a análise de dados a partir da aproximação dos conceitos da AD de Pêcheux e da psicanálise de Lacan, tendo em vista a recolha e análise de construções verbais para investigar as representações dos sujeitos interpelados pela ideologia. Por fim, com base nos pressupostos da análise crítica do discurso, destacamos a importância de atentar para os fundamentos ideológicos do discurso, a fim de prover análises linguísticas ou semióticas nos discursos de (ou sobre) professores no contexto social mais amplo.

Não foi nosso interesse fazer reflexões sobre discursos docentes em relação aos sentidos produzidos, porém apenas sinalizar caminhos de pesquisa com foco em três diferentes

abordagens da AD, principalmente, para afirmar a análise do discurso como metodologia de investigação relevante para os estudos qualitativos/interpretativos dos discursos na formação docente. Em suma, mesmo que de forma embrionária, abrimos, com este ensaio, um espaço para ampliar as discussões que considerem o funcionamento dos discursos que delineiam a formação docente a partir de sua relação com os contextos ideológico, social e cultural.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV). **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 85-106/ 134-163.

BARATO, Geselda. **O sujeito barrado do inconsciente: O sujeito do pensamento e do desejo**. *Psicol. Argum.*, Curitiba, v. 30, n. 69, p. 239-244, abr./jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23279/22352>. Acesso em: 30 nov. 2020.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. São Paulo: editora da Unicamp, 1997, p. 27-35.

BARROSO, Adriane de Freitas. **Sobre a concepção de sujeito em Freud e Lacan**. *Barbaroi*, n. 36, p.149-159, jan./jun. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782012000100009. Acesso em: 30 nov. 2020.

BARTIOTTO, Juliana; VERDIANI TFOUNI, Leda; SCORSOLINI-COMIN, Fábio. **O ato infracional no discurso do Estatuto da Criança e do Adolescente brasileiros**. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v.14, n. 2, p. 913-924, 2016.

BRAIT, Beth. **Análise e teoria do discurso**. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.

BRASIL, Luciana Leão. **Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva.** *Linguagem – Estudos e Pesquisas*, v. 15, n. 01, p. 171-182, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/32465/17293>>. Acesso em: 03 dez. 2020.

BRUDER, Maria Cristina Ricotta; BRAUER, Jussara Falek. **A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: impasses na separação.** *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 3, p. 513-521, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v12n3/v12n3a08>. Acesso em: 30 nov. 2020

COUTO, Daniela Paula do. **Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito.** *Psicologia em Pesquisa*, UFJF, v. 11, n. 1, p.1-10, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v11n1/04.pdf>. Acesso em 01 dez. 2020.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. **Uma leitura da abordagem bakhtiniana do discurso reportado.** *Investigações: Linguística e Teoria Literária*, Recife: UFPE, v. 2, p. 105-117. 1992.

FAIRCLOUGH, Norman; WODAK, Ruth. *Critical Discourse Analysis*. In: VAN DIJK, Teun. **Discourse as social interaction**. London: SAGE Publication. 1997, p. 258-284

FERREIRA, Isaias Gonçalves. **O sujeito lacaniano entre o desejo e o gozo.** *Analytica*, São João del-Rei, v. 9, n. 16, p. 1-29, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/analytica/article/view/3065/2393>. Acesso em: 01 dez. 2020.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Linguagem, Ideologia e Psicanálise.** *Estudos da Língua(gem)*, n.1, p. 69-75, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/197297/000535405.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 fev. 2021.

FIORIN, José Luiz. **Interdiscursividade e intertextualidade.** In: BRAIT, B. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 161-193.

GERHARDT, Tatiaba Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GUIMARÃES, Frederico Sidney. **A Análise do Discurso e os significantes ideologia e inconsciente.** *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 802-814, 2016. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/643/1067>. Acesso em: 29 nov. 2020

HENGE, Gláucia da Silva. **Inconsciente e ideologia: contribuições da Análise do Discurso e da Psicanálise para a noção de sujeito.** *Entretextos*, Londrina, v. 16, n. 2, p. 85-105, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/18401>. Acesso em 30 nov. 2020

KRESS, Gunter. **Representational Resources and the Production of Subjectivity: questions for the theoretical development of critical discourse analysis in a multicultural society.** London:

Longman, 1996.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 17: O avesso da Psicanálise, 1969-1970.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1964), 2008

LEITE, Nina. **Psicanálise e análise do discurso: o acontecimento na estrutura.** Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.

MAGRI, Marília Valencise. **Análise do Discurso no Brasil: novos objetos, novos rumos?** In: BARONAS, R. L. *et al.* **Análise do Discurso: Entorno da problemática do *ethos*, do político e de discursos constituintes.** Campinas: Pontes, 2016, p. 153-166

MARQUES, Maria Celeste Said. **Vozes bakhtinianas: breve diálogo.** Primeira Versão, ano I, n. 36, p. 2-5, ago. 2001.

MELO, Maria de Fátima Vilar de. **Psicanálise e análise de discurso: interlocuções possíveis e necessárias.** Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology, v.1, p. 61-71. Disponível em: http://psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/latin_american/v2_n2/psicanalise_e_analise_de_discurso.pdf. Acesso em: 30 nov. 2020.

OLIVEIRA, Fábio Araújo. **Análise do discurso e psicanálise: a questão do sujeito.** ALED, v. 10, n. 2, p. 77-85, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/337527148_Analise_do_discurso_e_psicanalise_a_questao_do_sujeito. Acesso em: 01 dez. 2020.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas: Pontes, 2005.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Análise de conteúdo, análise de discurso: questões teórico-metodológicas.** Revista de Educação, Campinas, n.13, p. 21-30, nov. 2002. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reveducacao/article/view/316/299>. Acesso: 03 fev. 2021.

PAULA, Luciene de. **Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso.** Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 239-258, jan./jun. 2013,. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/5099/4555>. Acesso em: 31 jan. 2021.

TEIXEIRA, Terezinha Marlene Lopes. **Análise do discurso e psicanálise. Elementos para uma abordagem do sentido no discurso.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

VAN DIJK, Teun. **Discourse as Interaction in Society.** In: Van Dijk, Teun. **Discourse as social interaction.** London: SAGE Publication. 1997. p. 1-38.

VAN DIJK. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

VAN LEEUWEN, Teun. **Discourse and Practice: New tools for critical discourse analysis**. New York: Oxford University Press, 2008.

Submissão em: 25/02/2022

Aceito em: 30/05/2022

Citações e referências
conforme normas da:

